

A saúde do trabalhador do Judiciário

por Clarice Camargo* e Rogério Dornelles**



No final do ano passado, o **Direito & Avesso** publicou uma análise preliminar da pesquisa sobre a saúde do trabalhador no Judiciário Federal. Naquele momento fez-se um apanhado geral do resultado da pesquisa, no qual se constatou que o trabalhador do Poder Judiciário Federal estava adoecendo e que muito tinha a se fazer para alterar essa situação. Inicialmente, antes mesmo da aplicação da pesquisa, avaliávamos que existiam dois grupos de doenças relacionadas ao trabalho que mais atingiam os trabalhadores: as Doenças Osteomusculares e do Tecido Conjuntivo e os Transtornos Mentais e Comportamentais. Durante o decorrer deste ano, avançamos na investigação dos resultados da pesquisa e constatamos que realmente esses dois grupos são os mais frequentes.

A pesquisa abordou diversos aspectos sobre perfil sociodemográfico e de condições de trabalho dos trabalhadores do Judiciário Federal. As perguntas entre 89 e 101 envolviam questões que poderiam estar relacionadas com os transtornos mentais e comportamentais. As situações entre 102 e 116 relacionavam questões sobre doenças osteomusculares e do tecido conjuntivo. A partir da análise desses dados buscamos os que poderiam contribuir mais efetivamente para a incidência dessas patologias na categoria.

Os trabalhadores que apresentaram algum sintoma relacionado às doenças osteomusculares e do tecido conjuntivo e que buscaram atendimento médico representam 43,24% dos que responderam à pesquisa. Os que apresentam sintomas relacionados aos transtornos mentais e comportamentais representam 26,73%. Nesta edição, iremos analisar os dados que, interpretados ora isoladamente, ora em conjunto, podem levar aos sintomas relacionados às doenças osteomusculares e do tecido conjuntivo.

Pesquisa – Dados relevantes

As respostas da pesquisa referentes a **idade e sexo** confirmam o encontrado na literatura médica sobre doenças osteomusculares, em que 18,75% da população de 18 a 20 anos procurou atendimento médico por sintomas das patologias contra 81,25% da população de 60 a 69 anos. Na questão gênero, a procura estabelecida é de 50,57% do sexo feminino para 34,01% do masculino.

Quanto à **escolaridade** observa-se um nível na média de 53% naqueles que têm até o 2º grau completo; para o nível superior completo ou incompleto o índice gira em torno de 41%. Quanto aos servidores com pós-graduação, mestrado ou doutorado, o índice é 48,45%. Assim, a pesquisa constata que, quanto menor a escolaridade, maior a possibilidade de doen-

Gráfico 1
Satisfação com a colaboração dos colegas

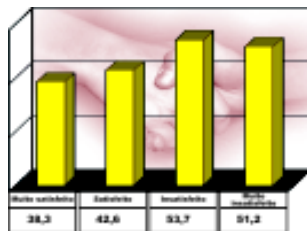
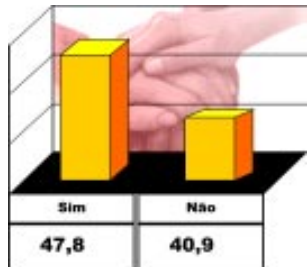


Gráfico 2
Competição entre os colegas



ças osteomusculares. A explicação para esse achado necessitará novos cruzamentos, pois será necessário discutir o tipo de atividade, a idade e os fatores emocionais. A análise subjetiva indicaria de antemão que, quanto menor a escolaridade, mais esforço físico. Por outro lado, isso não explicaria o aumento significativo na população com estudos além do nível superior. Portanto, ainda não podemos ser conclusivos nessa questão.

O **tempo de trabalho** também apresenta relação direta com a presença de queixas osteomusculares, evoluindo de 35,31% na população de até cinco anos de atividade no Judiciário a 59,38% na de 20 a 25 anos. Esse item também requer um novo cruzamento para definirmos a importância da idade neste achado.

O **cargo de auxiliar** possui uma incidência de 52,43%; nos de técnico e analista a incidência, varia de 42% a 44%, respectivamente. Neste caso, o tipo de atividade parece ter uma relação direta com o achado.

Quanto às perguntas relacionadas à **qualidade de**

vida, as respostas não apresentaram discordâncias com o já escrito a respeito. A única observação a ser feita é que os índices não apresentam variações extremas, o que era de se esperar, tendo em vista a importância que é dada ao estilo de vida na gênese das doenças osteomusculares.

As **horas de sono** indicam que existe maior incidência de sintomas nos que dormem menos. Nos que dormem cinco horas ou menos, a incidência é em média 48,68%. Naqueles que em que o período de sono varia de seis a sete horas, a incidência foi em média de 43,19%. Em quem dorme mais de sete horas a incidência foi de 40,38%. Quando questionados sobre a percepção de dormir ou não o suficiente, a incidência foi maior entre aqueles sentiam não dormir o suficiente, no índice de 46,92% a 40,78% para aqueles que sentiam dormir o suficiente.

Quanto ao fato de **estar estudando**, é bastante significativo o percentual de doenças osteomusculares em quem não está estudando e/ou fazendo curso não regular em relação àqueles que estão em cursos regulares. Em média, o percentual foi de 34% em quem está estudando contra 46% para quem não está.

A prática de **atividade física** é significativa na incidência quando realizada mais de duas vezes por semana, apresentando-se desta forma nas respostas: 47,57% dos que praticam uma vez por semana apresentam queixas de doenças osteomusculares, 45,41% duas vezes e 42,45% três vezes. Quando não é pesquisado o número de dias, não existe diferença significativa entre os que praticam esporadicamente e os que não praticam.

Quanto ao **lazer**, o tempo dedicado a essa atividade possui influência direta na incidência de sintomas. Quem dedica de uma a quatro horas ao lazer por semana apresenta em média um índice de 45%, contra um índice médio de 41% dos que dedicam mais de quatro horas.

O aumento de **carga de trabalho** nos anos de 1998 a 2001 teve influência na incidência de sintomas de doenças osteomusculares. Ao responder sobre **aumento da jornada**, 45,93% dos que tiveram aumento da jornada apresentaram sintomas, contra 38,68%, dos que não tiveram aumento. Também, o número de horas e a quantidade de dias na semana apresentaram relação direta com a incidência de procura a atendimento de saúde. Quem aumentou a jornada de menos de uma até uma hora diária, em média, apresentou 38,6% de queixas. Os que trabalharam mais de uma hora por dia apresentaram em média 47,4% de sintomas. Na quantidade de dias, a variação foi de 39,29% dos que trabalhavam uma vez por semana a 47,57% dos que trabalhavam cinco vezes por semana.

Muleque leva-pancadas

...apertado, maltratado e judiado como se fosse todo de pó de serra por dentro...

Casa-Grande & Senzala, Gilberto Freyre

Gilberto Freyre narra esta tradição do Brasil escravista: as crianças brancas, filhas dos donos de engenho, ganhavam, já aos 3 ou 4 anos de idade, um escravo do seu sexo e de sua idade para seus brincos:

“Crescem juntos e o escravo torna-se um objeto sobre o qual o menino exerce os seus caprichos; empregam-no em tudo e além disso incorre sempre em censura e em punição(...) Através da submissão do muleque iniciou-se muitas vezes o menino branco no amor físico (...). Transformava-se o sadismo do menino e do adolescente no gosto de mandar dar surra, de mandar arrancar dente de negro ladrão de cana, de mandar brigar na sua presença capoeiras, galos e canários – tantas vezes manifestado pelo senhor de engenho quando homem feio; no gosto de mando violento ou perverso que explodia nele ou no filho baço quando no exercício de posição elevada, política ou de administração pública...” (C&S, 51,336).

Ângela de Castro Gomes, em *A invenção do trabalhismo*, utiliza um conceito estudado por Marcel Mauss para falar da “lógica da dádiva” como uma forma particular de contrato que não é compatível com a lógica do mercado, “no qual tudo tem um preço” e as ideias de sacrifícios não mensuráveis estão ausentes. Marcel Mauss encontrou essa lógica em tribos primitivas. Nas sociedades em que a lógica da dádiva articula a maior parte dos contratos, há um círculo vicioso entre o “dar, receber e retribuir” caracterizando deveres políticos de natureza ética. Segundo a autora, “a obrigação, para com quem dá, reforça-se com o passar dos anos. A dinâmica do dar-receber-retribuir institui uma relação de re-conhecimento”.

Na formação do período populista da Era Vargas está o Estado Novo. Foi durante esse governo autoritário e híbrido que ocorreu a criação do *tempo festivo*: a festa do 1º de maio e todas as festividades coordenadas pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Em 1942, o ministro do Trabalho da Indústria e Comércio, Alexandre Marcondes Filho, inicia o uso semanal do programa *Hora do Brasil*, cujo conteúdo privilegiava a legislação social trabalhista do Estado Novo. Nesses discursos, foi construído o perfil de Getúlio Vargas como o Pai dos Pobres e líder das massas trabalhadoras. Formou-se então uma “pes-

soa coletiva” de caráter moral que vinha a ser o Povo: os que estavam solidários entre si e com a autoridade, os que trabalhavam. O Povo estava incluído na “lógica da dádiva” e merecia receber com o dever de retribuir. O Não-Povo eram os desempregados, os mendigos, os criminosos e os subversivos; os marginais. Esses não mereciam receber por não terem a obrigação de retribuir; não se comunicavam com os objetivos da elite e não eram reconhecidos.

O antropólogo Roberto da Matta fez uma investigação sobre a expressão “Você sabe com quem está falando?”, que é, segundo ele, e nós sabemos o quanto, muito popular entre os brasileiros. Da Matta entende que a expressão demonstra sermos uma sociedade que foge do conflito, embora ele esteja sempre presente de uma maneira visceral. Os conflitos são tragédias que devemos evitar sempre; quem se dispõe a vivenciar abertamente conflitos é inadequado, ou *mal-educado*, e merece ouvir um sonoro “Você sabe com quem está falando?”. Segundo o antropólogo, o debate entre opiniões divergentes caracteriza o *igualitarismo individualista* sempre em confronto violento com o *esqueleto hierarquizante* da sociedade brasileira.

Os intelectuais citados nos remetem aos pilares de sustentação de tudo que possa estar incluído no conceito de *assédio moral*. O assédio moral, na sociedade brasileira, não é uma exceção à regra, um defeito de *malandros e marginais*. É um ícone dos líderes dos trabalhadores, o Lula, que faz o discurso da lógica da dádiva relacionando os marginais, os excluídos, com o dever de receber e retribuir ao governo; é esse líder, eleito a partir dos trabalhadores, o enunciador do discurso de que os trabalhadores são hoje os rebeldes, os malandros, querendo trabalhar menos e ganhar mais, quando deveriam trabalhar mais e aceitar seus salários parcos em benefício do *bem comum*: a articulação, pelo inconsciente coletivo, dos miseráveis com o poder.

Fazer uma inversão tão radical do populismo da Era Vargas é, para dizer o mínimo, irresponsabilidade política. Não vai funcionar e já não está funcionando. Os trabalhadores brasileiros têm seus sindicatos, querem a redução da jornada de trabalho e a manutenção de seu poder aquisitivo; querem construir instrumentos de controle da gestão das empresas, privadas ou públicas, e dos serviços públicos a partir de comissões de funcionários e operários, em cada local de trabalho. O MST tem, em sua alma, a rejeição da lógica da dádiva e a consciência dos negros quilombolas (moradores dos quilombos).

No próximo período, as centrais sindicais serão severamente cobradas acerca de suas intenções. Os trabalhadores renovarão seus métodos de organização e luta. Em nossas veias, corre uma certeza apenas: não somos mais muleques leva-pancadas. Crescemos, somos gente grande.



* Servidora lotada no Serviço Processual do TRT